

# HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO



DR. ADOLFO JOÃO LAHMEYER BUGALHO

(Segundo a biografia de António Vicente Raposo Repenicado)

Nasceu no dia 21 de Março de 1907, na freguesia do Bonfim da cidade do Porto.

Foi aqui, na sua cidade Natal, que fez toda a carreira de estudos secundários e se matriculou na faculdade de medicina, no ano de 1925.

Mais tarde transferiu-se para a Universidade de Lisboa, onde se licenciou, em medicina, no ano de 1933.

Intimamente ligado a Castelo de Vide por fortes laços de família, seu pai era daqui natural, pelo casamento e exercício da profissão de médico municipal e sub-delegado de saúde, ninguém há que o não tenha como viticastroense de primeiro plano.

Como tal Castelo de Vide se entregou com ardor e entusiasmo, que muitos e variados são os serviços que esta terra lhe deve.

Ao seu dinamismo, ao seu espírito tenaz e empreendedor, à sua actividade inteligente e esclarecedora, se devem quase todos os movimentos colectivos de ordel cultural, nos últimos anos aqui realizados.

Dominado pela sua Arte, desenhou e executou sob temas locais, a maravilhosa colecção de gravuras de madeira que corre dispersa pelos jornais de Castelo de Vide, revistas médicas e outras publicações.

Elogiosa e justamente apreciada esta colecção de gravuras que os críticos e artistas consideram como belos e valiosos trabalhos de gravura, impõe a necessidade de reunir o que anda à "gandala" para lhe dar continuidade de vida.

Além de médico, distinto, artista de muito destacado mérito, é também jornalista e, ultimamente, dedicou-se ao teatro.

A sua colaboração nos jornais assinala-se em "Jornal do Médico", o "Castelovidense", "Terra Alta", etc.

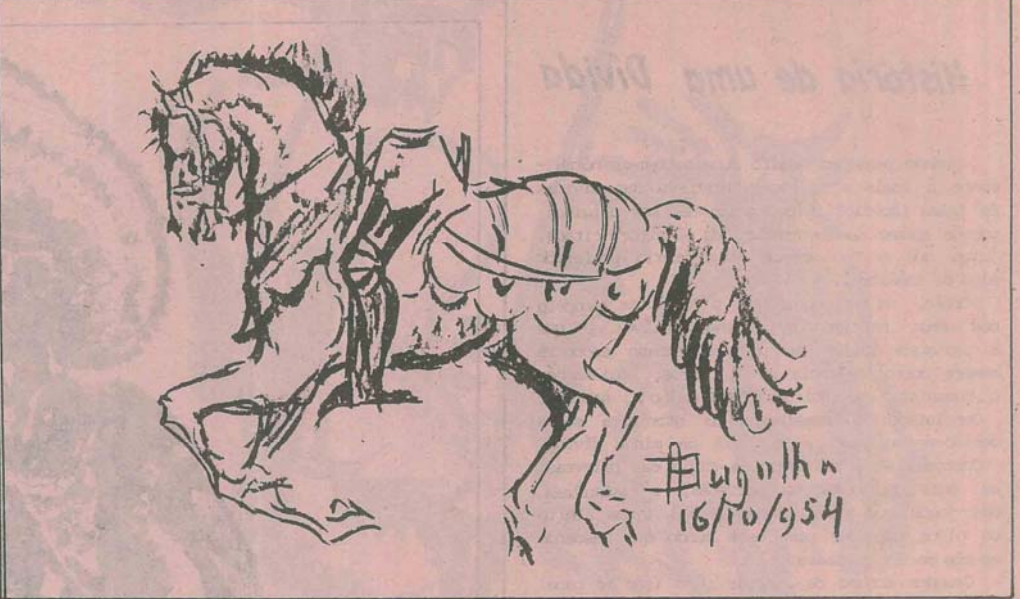
Publicou: Em 1951, na Revista Médica, "Clínica de Higiene e Hidrologia, o trabalho de investigação médica: "Rickettsioses-Casos de Ornitoses".

No mesmo ano, na mesma Revista Médica, o trabalho também de investigação: Alguns casos de doença com Reacção de Weill-Felix positiva constatados no cancelho de Castelo de Vide.

Em 1961: "Eu e o meu Chapéu"-Teatro-Editorial Império.

Em 1963-1964 - no "Terra Alta" dois apontamentos Regionalistas - Teatro -Intitulados, respectivamente o "Pregão" e "Sombra de um Brilho".

A temática das suas peças teatrais deve procurar-se em nosso entender, nos problemas humanos de incidência regional que o autor trata segundo a forma e intenções da moderna técnica teatral.



Esboço a tinta preta dum album de viagens do dr. Adolfo Bugalho.

## HOMENAGEM E A MEMÓRIA

DINIS DE ABREU

Conheci o Dr. Adolfo Bugalho numa tarde estival de deambulação turístico-interesseira por Castelo de Vide. Interesseira, porque se tratava de uma segunda visita, calculadamente preparada com o objectivo de descobrir casas velhas, que permitissem o restauro e se anunciasse com condições para servirem de refúgio a um cidadão cansado de ruído e de civilização - essa civilização pautada por horários, encontros e desencontros, ou a solidão de estar isolado num mar de gente.

A primeira visita fôra accidental, mas a emoção forte demais para se contar numa passagem apressada pelas ruelas da vila, ou numa subida ansiosa ao castelo-berço, derramado pela encosta numa sucessão irregular de casas, que se impõem pela singular harmonia recreada em perspectivas inesquecíveis de sombra-luz.

Um amigo comum dissera-me que Adolfo Bugalho era um profundo conhecedor da terra, tão enraizadamente amante dela que se lhe afeiçoara como se fosse sua, sendo embora homem nascido em paragens nortenhas. O que ele não soubesse, mais ninguém o saberia.

Decidi tomá-lo por guia, se ele tivesse a paciência de me acompanhar na peregrinação prevista. Feitas as apresentações à esquina do café da Carreira de Cima, selávamos sem dar por isso uma amizade que o tempo consolidou e enriqueceu.

Devo-lhe a casa castelã - ruína destelhada quando a vi -, que ele viveu por dentro, seguindo a obra com um desvelo só explicável pela sua enorme generosidade, durante intermináveis meses.

Costumava dizer-lhe, com o à-vontade que os íntimos compartilham, que ele era o verdadeiro "capataz". Idealizou, desenhou, interessou-se como se o projecto tivesse nascido entre ambos e há muito nos conhecêsemos. A casa deve-lhe muito. Mas eu devo-lhe mais.

Contou-me Castelo de Vide em longas noites de serões sem horas, à volta da camilha - as suas histórias, os seus costumes, a sua nobreza e as suas misérias, que também as tem.

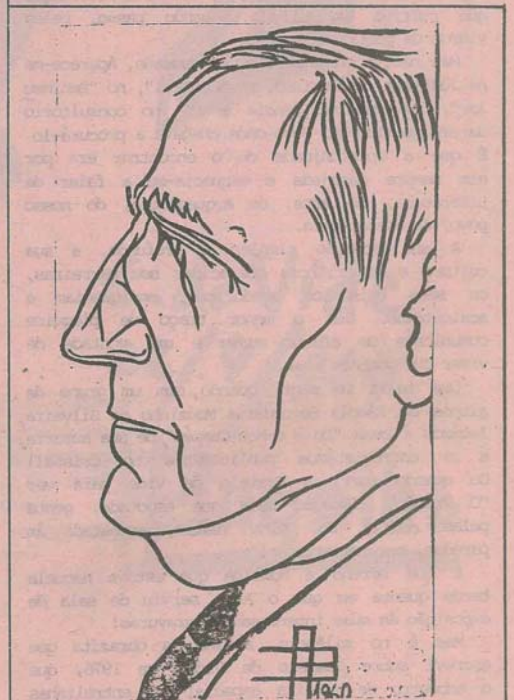
Adolfo Bugalho adoptara Castelo de Vide, corria-lhe no sangue e desfiava as vivências com a simplicidade de quem não se apercebe que é senhor da arte de comunicar.

Tive o privilégio do seu convívio. Só lamento que a vida em certos homens seja um sopro tão breve. Aprendi com ele a sentir Castelo de Vide. Era a experiência do médico, disponível

a qualquer momento para quem o procurasse, com um espírito missionário tão avesso à tecnocracia que tem empobrecido a medicina. Era, sobretudo o humanista, sensível às realidades do seu semelhante, com uma profunda cultura e uma invulgar informação sobre os acontecimentos que oleavam a marcha da História.

Contemporâneo de José Régio, sua visita na casa, hoje museu, com Adolfo Bugalho se percorria o itinerário interior do poeta. Artista multifacetado, dividiu-se entre a pintura, o desenho e a gravura, com a humildade e o vagar de quem não deseja moldar a posteridade.

A homenagem é um registo com um valor específico. A memória é um património que se transmite de geração em geração. Castelo de Vide deve a Adolfo Bugalho a homenagem. Mas deve-lhe sobretudo a memória.



Desenho a tinta da china do perfil do pai do dr. Amadeu Canário. Col. particular

# HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO

## História de uma Dívida

Quando penso em Adolfo Bugalho vem-me normalmente à ideia a belíssima história das dívidas de Selma Lagerlof. Temo então não ser original, porque apesar da envergadura da escritora citada, julgo que o meu grande amigo teria preferido algo de inédito...

Creio, no entanto, que o carácter próprio dos meus sentimentos é indestrutível e que a paisagem íntima de um ser humano encontra sempre correspondência na de outros. Isto também o Humanista que foi Adolfo Bugalho o sabia...

Concluindo: à semelhança da escritora sueca decido-me a dizer a história da minha dívida.

Começara eu a descobrir a magia das palavras, as suas ressonâncias secretas, a subtileza dos jogos que possibilitam e mal tinha aberto os olhos pasmados para esse mundo que nascendo em mim me ultrapassava.

Grandes sonhos de amarrar tudo isso ao papel e de fazer sabê-lo a toda a gente... O "Terra Alta" abriu-me as portas...

E numa tarde, ao fundo da Praça de D. Pedro V, Adolfo Bugalho identificou-me através da família e quis falar comigo, conhecer bem a autora de alguns poemas que apareciam no jornal. Era um dia de sol e sei que as suas palavras me encheram de uma alegria e de uma força que nada seria capaz de abalar. Era a satisfação estranha e perfeita que se sente depois de um acto de comunicação no palco, quando uma salva de palmas nos veste de aceitação e de sentido sem que a humildade se perca, antes floresça na ânsia de recomeçar de novo, de melhorar tudo.

Esse dom excepcional do Teatro também me foi oferecido pela sua mão. Tinha eu feito algumas tentativas mas nunca ensaiara num palco com um crítico perspicaz na plateia a eliminar-me os defeitos. A experiência desse Verão de 65 foi inesquecível - a dos ensaios e a do espectáculo.

Nunca mais nos perdemos de vista. O "Terra Alta" uniu-nos muito. Ganhei então um entranhado gosto pelo Jornalismo e uma certa ousadia, às vezes necessária. Guardo da Tipografia, onde há vários anos não entro, uma viva recordação que cultivo espreitando, quando passo, pelos vidros da porta.

Mas não só aí o revejo com saudade. Aparece-me na Judiaria, no Turismo, no "Central", no "Peninsular", na sua residência e até no consultório da antiga Casa do Povo onde chegava a procurá-lo. É que a oportunidade de o encontrar era por mim sempre desejada e esquecia-me a falar de Literatura, de Arte, de Arqueologia, do nosso povo, da nossa Terra...

A sua atenção simples e profunda, a sua cultura e experiência oferecidas sem barreiras, os seus episódios anedóticos, enriqueciam e acalentavam. Sem o menor traço de pieguice comunicava um afecto suave e uma vontade de viver que ganhava asas.

Que feliz me senti quando, com um grupo de alunos da Escola Secundária Mouzinho da Silveira, levámos à cena "Eu e o Meu Chapéu", de sua autoria, e o entrevistámos publicamente no Crisfall! Ou quando corri a Castelo de Vide para ver "O Pregão", lotação mais que esgotada, gente pelas coxias do velho Teatro, encostada às paredes, mas sem arredar!

E que sereno e humilde que estava naquela tarde quente em que o Arco serviu de sala de exposição às suas interessantes gravuras!

Mas é no silêncio, abrindo a obrázita que escrevi sobre Castelo de Vide, em 1976, que o encontro de maneira especial nas entrelinhas dessas páginas e medindo-me interiormente reconheço que sou também construção sua.

Maria Guadalupe



VENDEDOR  
DE  
AGUA  
TANGER  
SETEMBRO  
1952  
Bugalho

Aguarela dum album de viagens do dr. Adolfo Bugalho

Transcrição do Editorial do nr. 11 de "A Sacada", de Março de 1983:

"Hoje, dedicamos o nosso editorial ao Dr. Adolfo João Lahmeyer Bugalho, porque não podíamos deixar passar o dia 21 de Março sem o lembrarmos, visto que nesta data cumpriu precisamente 76 anos de idade.

Não vamos fazer nenhuma biografia porque eram necessárias muitas e muitas "Sacadas" para tal, e mesmo assim ficaria incompleta.

Não falaremos também do ilustre pintor, médico, escritor, historiador, antropólogo, castelovidense (por dedicação) e do homem culto, que todos conhecemos.

Falaremos do amigo, do homem simples, honesto, amável, paciente, alegre e simpático que muito não têm o privilégio de conhecer, falamos desse amigo que tanto apreciamos, desse homem que tem sempre uma mão a dar, um sorriso a repartir, assim como todos os seus conhecimentos, esse homem que está sempre pronto a responder a uma dúvida, a dar uma explicação, a fazer um desenho.

A esse homem, por tudo o que foi até agora a sua vida, por todas as lutas e feitos:

- Votos de que a sua presença se mantenha ainda por longos anos entre nós;

- Parabéns e um muito obrigado.

A Redacção

## OURIVESARIA CARVALHO

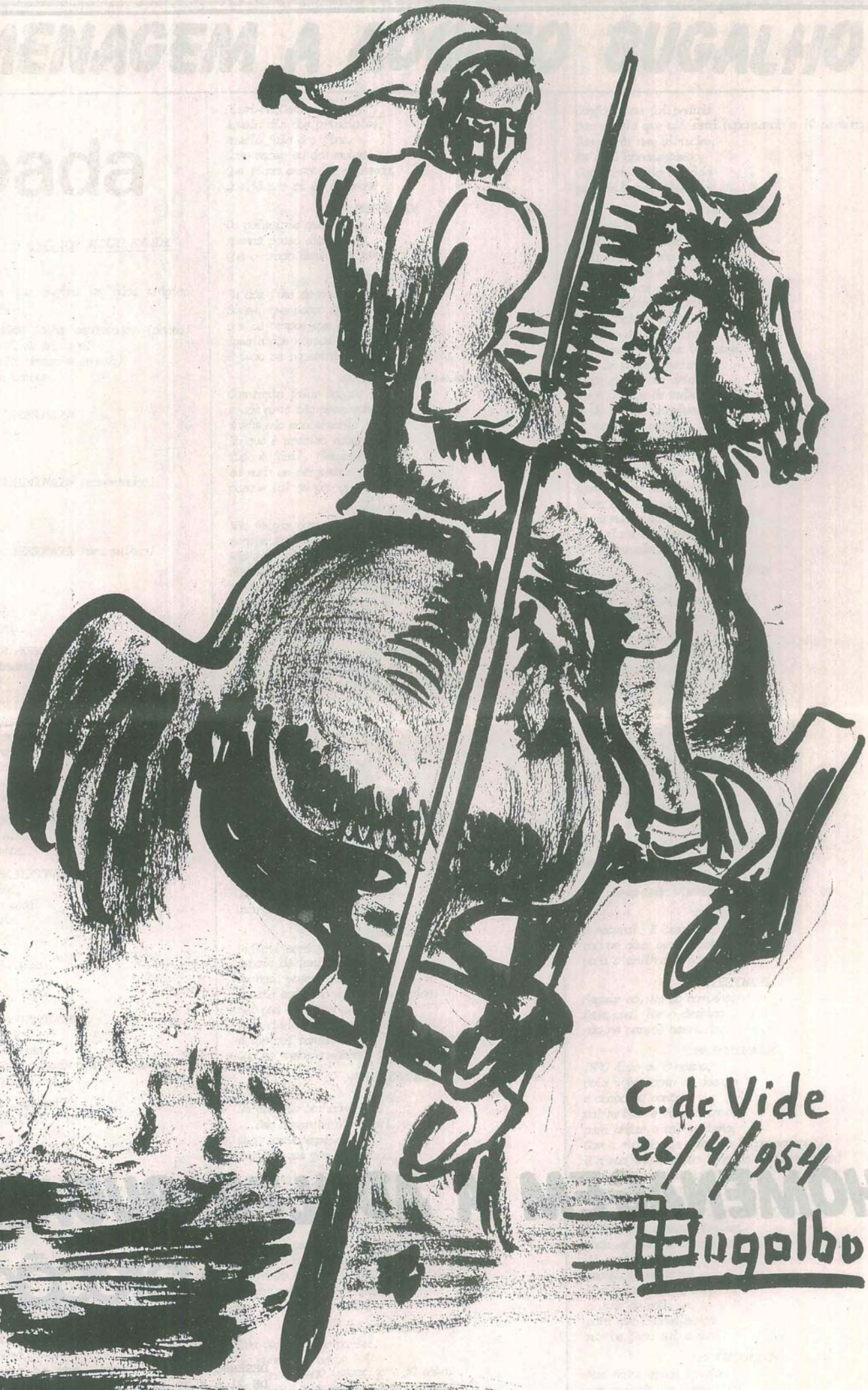
OURO • PRATA • RELOGIOS

l. capitão salgueiro mala, o

castelo de vide

# TRIBUTAGEM A UM BANGALHO

## Toada



C. de Vide  
26/4/954

Bugalbo

# HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO



## HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO

### O pregão

JORNAL Nº.27 de DEZEMBRO de 1987

DESENHO A TINTA PRETA, COM AS DIMENSÕES DE 21,6 X 29 cm DE 1944.

Col.particular do dr.AMADEU CANÁRIO

# HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO

## Toada

EXERCÍCIO TEATRAL POR ADOLFO BUGALHO

Cenário - Paisagem que sugira um céu trágico e imutável.

Entra 1º. PERSONAGEM (olha espantado) (poeta)  
Quem sou?..Aonde vou?..Eu não sou?

Entra 2º. PERSONAGEM (entra e escuta)  
Tu vens do fundo dos tempos  
e neles te perderás

1º. PERSONAGEM

Se assim é,  
Para que vim?  
a esta vida ruim.

2º. PERSONAGEM (comentador)

Apareceste.  
Aqui estás.  
Na tua hora te irás.

3º. PERSONAGEM (uma mulher)

Entra  
Eu aqui estou  
Porque vim.  
É trago dentro de mim,  
outro que também virá.

1º. PERSONAGEM

Isso é conversa?..Bruxedo?..  
Fantasia ou poesia?

3º. PERSONAGEM

Nem uma coisa nem outra.  
É um jogo que é eterno,  
que todos nós jogamos  
e todos os que virão,  
sem saberem para o que vem,  
nem sequer para onde irão.

2º. PERSONAGEM

Rolar do tempo infinito.  
Tudo se vive num grito.

3º. PERSONAGEM

Com um grito ele virá,  
o que dentro de mim está.  
Gritarei p'ra ele vir.  
Em silêncio o olharei.  
Ele adomecerá,  
aguardando o que há-de vir  
E tu o verás sorrir,  
confiante e indefeso.

1º. PERSONAGEM

Mas como poderá ficar?  
Se para continuar vivendo,  
muito terá que gritar, segundo aquele (aponta  
o segundo personagem)nos diz.

2º. PERSONAGEM

Após silêncios apontados,  
Gritará.  
Mas para viver cá,  
Um sorriso há-de fazer,  
para não contradizer,  
a sua presença aqui.

3º. PERSONAGEM

Entre sorrir e chorar,  
Sem gritar,  
O seu tempo viverá,  
Até que a hora chegar  
De se esquecer de viver.

2º. PERSONAGEM

Outros a seguir virão.  
Tudo se repetirá.  
E assim o mundo andará,  
Até quando?  
Sei-o lá.

1º. PERSONAGEM

Mas com tanta ignorância,  
Servido de tão saber,

Dizei-me;Como viver?  
Aquele diz dos princípios,  
Aquele fala dos fins.  
Como saber eu dos meios,  
Que ficam entre os extremos,  
Que já por si se ignoram?

3º. PERSONAGEM

Do principio que sei eu?  
Apenas posso dizer,  
Que o trago dentro de mim.

2º. PERSONAGEM

Eu dos fins de nada sei,  
Só sei que posso afirmar  
que os tempos que há-de vir,  
Iguals aos nossos serão  
E tudo se repetirá.

4º. PERSONAGEM (que entra)

Com tanto falar barato  
e com ares tão presunçosos,  
Assim não concertarão  
No que é preciso saber.  
Tudo é fácil, finalmente  
se nada se perguntar  
porque tal ou por que qual.

3º. PERSONAGEM

Não folgar com coisas sérias,  
sempre é de boa prudência.  
Não sei porque o concebi,  
Mas sei que o trago em mim.  
Digam lá porque assim foi?  
Continuo sem o querer,  
A ser berço do que foi,  
do que é.....do que será.

2º. PERSONAGEM

Ris-te do nosso falar,  
Mas é outro o teu disfarce.  
Escondes na facilidade  
Com que tudo estás julgando,  
A tua perplexidade.  
Como nós. Nada saber  
e tudo afirmar de graça,  
P'ra não poderes duvidar  
e em bom descanço ficar.

1º. PERSONAGEM

Se assim é e eu não sei  
ele que explique então  
porque sorri de estar certo?  
Ou então exemplo dê,  
Certo, certo e bem concreto.  
Daquilo que está dizendo.

2º. PERSONAGEM

Difícil será fazê-lo.  
Depois de tanto viver,  
eu nada posso afirmar  
Quanto aos fins e aos princípios.  
Sei que de tanto pensar,  
Mtas dúvidas me assaltarão.  
e tantas, tantas serão,  
Que no mesmo quedarei.

4º. PERSONAGEM

(já em cena  
escutando)

Um exemplo bem concreto,  
...Bem concreto não direi...  
Tudo creio explicar,  
naquilo que for mostrando.

1º. PERSONAGEM

Explicar é abuso  
Difícil de consentir

3º. PERSONAGEM

Para quê ouvir, tais voses  
Quando a certeza que tenho,  
E trazer dentro de mim  
Um principio e um futuro,  
que fim terá certamente

4º. PERSONAGEM

Ora vejamos por partes.  
No mundo de hoje,  
A ciência tudo investiga e já sabe.  
A ciência tudo investiga e já sabe.  
Vai o presente estudando,  
p'ro futuro adivinhar.  
Irei exemplificando,

Conforme me foi pedido  
por aquele que ali está. (apontando o 1º. personagem)  
Sem magia nem virtudes,  
Eu irei apresentando,  
Com o critério seguido  
pela ciência, aliás.

1º. PERSONAGEM

Mas aonde encontrarei,  
aquilo que em vão procuro?  
Vejo cavalos nas nuvens,  
Sem os poder cavalgar.  
Oigo sireias no mar,  
sem as poder abraçar.  
Tanto vejo a tanto ouço!!!!  
Ouçoo as árvores, com os ventos,  
Expressar os seus lamentos,  
Sem os poder ajudar.  
Ouçoo choros de criança.  
Ouçoo gritos de mulheres  
e de homens enraivecidos.  
E tudo indignação.  
Para todos queria a paz  
e um sereno viver.  
Em poemas lhe diria,  
que o amor tudo alivia.  
Para quê a poesia?  
Se o mundo não acredita  
Que ela é bem lenitivo  
p'ra uma alma aflita:

3º. PERSONAGEM

Para quê a poesia?  
A vida é concretizar,  
p'ra poder continuar.

Poesia?...Teorias.  
Para quê complicar?  
Viver assim de mansinho,  
como quem vai embarcado  
em mar chão, com vento manso,  
procurando um bom abrigo,  
p'ra evitar aflições,  
quando vem a tempestade.  
Talvez seja sonhar alto,  
isto que estou ciciciando.  
Mas já é uma certeza  
assim pensar e agir.  
Para o bom fim conseguir.

1º. )2º. )3º. ) e 4º. PERSONAGENS

Nem uns nem outros  
estão certos.  
Mas assim irão vivendo.

4º. PERSONAGEM

É natural. É assim  
cada um quer seu caminho  
para o trilhar à vontade.

1º. PERSONAGEM

Seguir só, um só caminho,  
Seja qual for o destino  
não me parece acertado.

2º. PERSONAGEM

ISSO digo eu o mesmo,  
pois viver como eu desejo  
e acabo de contar,  
vai melhor e mais asinho,  
para andar o tal caminho.  
Com a sua poesia (para o 1º. personagem)  
E a sua inquietação (para o 3º. personagem)  
a que meta chegarão??  
A que meta chegarão??

4º. PERSONAGEM

Para andar o mesmo trilho,  
cada um quer seu caminho.  
Já o disse.  
Repeto e repetirei.  
Nisto consiste afinal  
a vida de cada um,  
para que a semelhança  
não os faça tal e qual.

1º. PERSONAGEM

Mas todos somos iguais  
nos princípios e nos fins.

# HOMENAGEM A ADOLFO BUGALHO

## Toada

CONTINUAÇÃO PAG. III

### 42. PERSONAGEM

A diferença está nos meios,  
de cada um entender  
como será de os viver.

### 22. PERSONAGEM

Filosofâncias baratas,  
sem sentido. Só trapaças,  
a vida o confirmará,  
ou talvez o negará.

### TODOS OS PERSONAGENS EM CORO

Seguir os nosso caminhos  
conforme os ventos soprarem  
Seguir os nosso destinos  
até a morte chegar.

(Ouve-se um grande estampido de uma  
grande explosão os personagens saem  
do palco fugindo espavoridos, nos bas-  
tidores ouve-se um gargalhar franco  
e feliz de uma criança)

Cai o pano



dr. Adolfo Bugalho -

- UM TESTEMUNHO

Tal como das pedras ou da luz, esta nossa terra é também feita das gentes que lhe têm dado uma qualidade própria; daí que eu não consiga separar a memória do Dr. Adolfo do seu estar e ser em Castelo de Vide, daí também que ele faça parte de um mundo de vivências no qual mergulham algumas das minhas raízes mais queridas.

Há amizades que se herdam como bens, muito, muito mais valiosas que as posses materiais, porque nos ajudam a ser e, em primeiríssimo lugar, a ser gente; a estar no mundo, interrogando-o, a estar com os outros, convivendo.

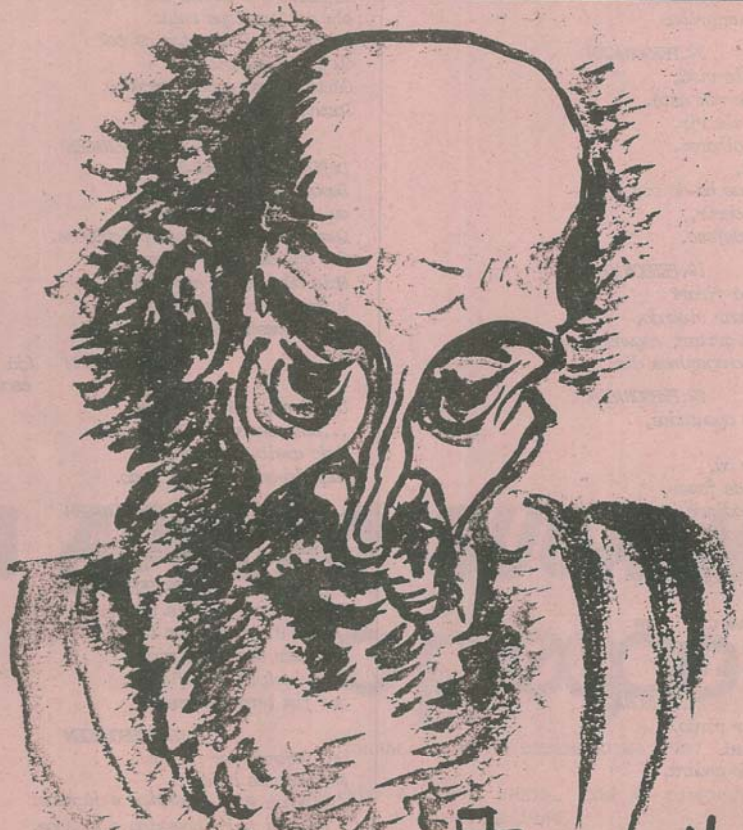
De menino me vem esta noção/memória de um homem que sabia muito e amavelmente o sabia, porque me comunicava sem a distância que, tantas vezes, separa o adulto da criança ou do adolescente. De homem me vem a experiência que transformou essa mais antiga noção de ciência em sabedoria, sabedoria na relação com o outro e intensa curiosidade multiforme, de um entusiasmo, afinal, juvenil, que sempre marcou, com especial encanto, a personalidade do Dr. Adolfo.

Artista plástico, dramaturgo e animador de um grupo de teatro, o médico Adolfo Bugalho era um amador na mais pura e na melhor acepção da palavra: a arte, a escrita, o desenho e a gravura nunca me parecem ser, no seu caso, separáveis da vida, da profissão de médico, de existir em Castelo de Vide, do estar com as pessoas, do ouvir (tão importante como o falar), do comunicar, promover, incitar, entusiasmar!

A ligação entre a arte e a vida era, para o Dr. Adolfo, uma maneira natural de estar, uma sabedoria em acto, um modo sempre não conflitual de relação. Aqueles que, como eu, tiveram o privilégio do seu convívio e da sua amizade, ganharam com tal contacto uma lição de riqueza interior, e de cordialidade, ficaram, espero, melhores por tê-lo conhecido.

José Luís Profírio

TANGER  
SETEMBRO  
Bugalho  
1957



Outubro 1954 Bugalho